



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante inauguração da nova sede do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae)

Brasília-DF, 24 de novembro de 2010

Meu caro companheiro Michel Temer, presidente da Câmara dos Deputados e vice-presidente da República eleito nas últimas eleições,

Meus queridos companheiros ministros Carlos Gabas, da Previdência Social; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Miguel Jorge, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; Sergio Rezende, da Ciência e Tecnologia, e Luiz Eduardo Barretto, do Turismo.

Senhores embaixadores estrangeiros,

Senador Adelmir Santana, presidente do Conselho Deliberativo Nacional do Sebrae,

Meu caro companheiro senador Roberto Cavalcanti, nosso mui digníssimo representante da Paraíba,

Meu... Eu não vi a senadora Serys, o nome dela está aqui na nominata cadê a ..., ô Serys! Minha querida companheira Serys, senadora da República pelo estado do Mato Grosso,

Meu companheiro Carlos Gaguim, governador de Tocantins,

Meu querido companheiro Agnelo Queiroz, governador eleito do Distrito Federal. Governador eleito, não empossado, mas já com direito de chegar atrasado. (Incompreensível). Não, pior é que um homem deste tamanho nunca consegue chegar disfarçado. Se não fosse governador, poderia ter entrado pelos fundos.

Meu querido companheiro Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

Meu querido companheiro Aldemir Bendine, nosso querido Dida, presidente do Banco do Brasil,

Meu caro Marcos Mazoni, presidente do Serpro,



Nosso querido Pedro Arraes, presidente da Embrapa,
Nosso querido companheiro Jair Meneguelli, presidente do Conselho Nacional do Sesi,
Nosso querido companheiro Alessandro Teixeira, presidente da Apex,
Meu querido companheiro Paulo Tigre, presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul,
Meus amigos,
Senhoras e senhores,
Companheiros da imprensa,
Amigos do Sebrae,

Vou tentar o discurso aqui, o volume é grande, mas a letra é grande também. Vou ser mais curto que o Paulo Okamoto, do que o Adelmir.

Primeiro, eu quero expressar minha alegria em participar da inauguração da nova casa de vocês que coordenam, aqui de Brasília, uma instituição que se tornou, talvez, a única unanimidade nacional depois do Chico Buarque de Holanda e depois do Corinthians. Já tem são-paulino balançando a cabeça ali.

Com suas quase quatro décadas de existência, o Sebrae está presente em todo o país prestando serviços inestimáveis ao empreendedor brasileiro. E nas diversas vezes em que nos encontramos nos últimos oito anos, pude perceber o orgulho que vocês sentem do seu trabalho. Certamente, também, porque o salário ajuda, porque é muito difícil você ter orgulho ganhando pouco. Estou falando de levar o conhecimento e a capacitação, fundamentais para garantir a renda e a qualidade de vida de milhões de empreendedores, e de encabeçar iniciativas que defendem e fortalecem as nossas micro e pequenas empresas.

Ações desse tipo são fundamentais para o momento que o Brasil está vivendo, no qual a estabilidade econômica e o crescimento andam de mãos dadas com a multiplicação de oportunidades e justiça social.



Em qualquer grande economia do mundo os micro e pequenos empreendimentos garantem a capilaridade de um setor empresarial que chega a cidades de todos os portes e atua nos mais diferentes setores econômicos. E aqui no Brasil não poderia ser diferente. As 5,8 milhões empresas de micro e pequeno porte do nosso país empregam 13 milhões de pessoas com carteira assinada e são fundamentais para manter a roda da economia em movimento, gerando emprego, renda e melhoria da qualidade de vida das pessoas. Por isso, junto com vocês, temos nos empenhado para que esses negócios possam prosperar em um ambiente ainda mais atrativo.

Em 2006, graças, em grande parte, à forte atuação do Sebrae, sancionamos a Lei Geral da Micro e Pequena Empresa, que atendeu antigas reivindicações do setor. Com ela, passamos a dar um tratamento diferenciado aos empreendedores, reduzimos a burocracia e simplificamos a tributação. Hoje o regime tributário do Simples nacional, fruto dessa lei, já abriga 4,3 milhões empresas. A nova lei também incentivou a participação dos segmentos nas compras governamentais. Só para termos uma ideia, isso fez com que as vendas de pequenas e micro empresas para o governo federal saltassem de 2,1 bilhões em 2006, para 7,3 bilhões entre janeiro e setembro. Veja o milagre da multiplicação dos pães, Paulo Okamoto: em nove meses nós fizemos praticamente quatro vezes mais do que fizemos em 2006, com as compras governamentais.

Da mesma forma, criamos a figura do empreendedor individual, com o objetivo de formalizar trabalhadores autônomos de diversos segmentos. Graças a ela, já regularizamos a situação de quase 750 mil manicures, eletricitas, pipoqueiros e tantos outros profissionais que sequer sabiam que poderiam se formalizar. A grande adesão dos nossos empreendedores informais superou as expectativas mais otimistas. Isso é uma vitória para o Sebrae e para todos os órgãos e entidades envolvidos nos diversos mutirões de formalização que aconteceram e acontecem por todo o território nacional.



Além da Lei Geral e da Lei do Empreendedor Individual, a Lei da Inovação está contribuindo para fomentar a competitividade nos negócios de pequeno porte.

Sabemos, contudo, que ainda há muito a ser feito, e estou certo de que o Sebrae continuará sendo um dos grandes parceiros do governo federal para vencer os desafios do futuro. Precisamos tornar ainda mais operacionais os mecanismos de incentivo criados nos últimos anos e trabalhar duro para regularizar os milhões de empreendimentos informais que ainda existem no país.

Se tivermos sucesso nessas iniciativas, estou certo de que poderemos repartir entre milhões de empreendedores os frutos do ciclo virtuoso que nossa economia vive hoje e que continuará vivendo nos próximos anos.

Nosso mercado interno está fortalecido, e nunca tantos brasileiros puderam consumir bens e serviços dos mais diferentes tipos. O Programa de Aceleração do Crescimento e o Minha Casa, Minha Vida são fortes demandantes de serviços e materiais em todo o Brasil. E a eles se somam empreendimentos que garantirão trabalho e renda ao longo desta década. O Paulo Okamoto já disse: a Copa do Mundo de 2014, a Copa das Confederações de 2013, as Olimpíadas Militares de 2011, a Copa das Américas em 2018 e as nossas Olimpíadas em 2016.

O Sebrae já se consagrou como um dos mais importantes instrumentos de incentivo ao novo ciclo de expansão vivido pela economia brasileira. E estou convicto de que sua importância e sua responsabilidade crescerão ainda mais.

Quero, portanto, dar os meus parabéns aos mais de 4 mil funcionários e funcionárias do Sebrae. E na pessoa do meu querido companheiro Paulo Okamoto, agradecer a toda a direção da entidade pelos muitos avanços que foram proporcionados ao empreendedor brasileiro nos últimos anos.

Esta nova sede, que segue os mais modernos padrões de arquitetura sustentável, representa o espírito dinâmico do Sebrae, e proporcionará um



ambiente de trabalho adequado e agradável, como vocês merecem. Vocês estarão sempre no centro de todas as mudanças e melhorias porque é aqui que brotam e crescem com vigor as boas idéias que apoiam e fortalecem as micro e pequenas empresas brasileiras.

Meus queridos companheiros do Sebrae,

Eu queria, Paulo Okamoto... você ainda tem esperança de continuar presidente, eu tenho que cair fora aqui. Mas eu queria aproveitar, Paulo, esta festa, que não é uma festa de despedida de ninguém do Sebrae, não é uma festa de despedida de ninguém do governo, mas é uma festa de inauguração de uma entidade que é tão poderosa, que eu dizia ao Paulo Okamoto que até um programa de televisão que tem, chamado “Pequenas Empresas, Grandes Negócios”, todo mundo pensa que é do Sebrae, quando não é do Sebrae. Ou seja, eu faço um esforço para aparecer na televisão e as pessoas não acreditam que sou eu. O Sebrae não aparece, e as pessoas pensam que é o Sebrae que tem o programa, tal é a proximidade do programa com o Sebrae.

Mas no fundo, no fundo, eu penso que nesses oito anos de governo nós conseguimos provar à sociedade brasileira e ao mundo que era possível governar o país de uma forma diferenciada, que era possível a gente vencer a miséria absoluta, que era possível vencer a pobreza.

Eu, nos fóruns de que eu participo, e são muitos os fóruns que eu... de que o Brasil participa, eu tenho feito uma mistura de exposição da macroeconomia com a microeconomia. Aliás, nesta semana eu participei de um encontro aqui em Brasília, sobre o microcrédito. Nem eu, que sou presidente da República, e possivelmente nenhum de vocês, individualmente, tenha a dimensão do que está acontecendo no microcrédito neste país. A gente não tem toda a dimensão do que está acontecendo. Quando você vê uma instituição com o Banco Central participar, humildemente, de uma reunião de microcrédito e reconhecer as mudanças que foram necessárias serem feitas para que as cooperativas e o microcrédito pudessem ter vez neste país.



Eu lembro das dificuldades quando nós propusemos criar o crédito consignado. As pessoas diziam: “Como é que o aposentado vai tomar dinheiro emprestado?” Hoje já são mais de R\$ 49 bilhões, só de aposentados, que estão circulando na economia brasileira. Possivelmente, o Banco do Brasil, Dida, em toda a sua história, não tenha conseguido colocar no mercado a quantidade de crédito que ele colocou nesses últimos oito anos. Porque todo mundo perdeu um pouco o medo de que emprestar dinheiro era ruim, porque no Brasil se criou o hábito: para que alguém conseguisse um empréstimo no banco, a pessoa tinha que ter tanta garantia e tanto dinheiro para pagar a sua dívida, que não precisava pegar dinheiro emprestado, porque já tinha o suficiente. O Tigre sabe que as exigências eram as mais exageradas possível. Nós mudamos a regra do jogo.

Eu disse outro dia, na Fiesp... na CNI, que precisou este país eleger um torneiro mecânico, que passou 29 anos da sua vida dizendo que era socialista, para transformar o Brasil em um país de economia capitalista. É um contrassenso! Por uma razão simples, por uma razão simples, este dado é muito importante: hoje, o Banco do Brasil, sozinho, tem todo o crédito disponibilizado que o Brasil tinha em 2003. Em 2003, o Brasil todo, para atender a 190 milhões de habitantes - inclusive essas meninas e esses meninos do Coral, se quisessem tomar dinheiro emprestado para comprar o seu violino, estava dentro desses 380 bilhões – o Brasil tinha 380 bilhões. Hoje, só o Banco do Brasil tem isso. E o Brasil inteiro está com mais 1.650 trilhão disponibilizados para crédito. Isso porque os bancos privados ainda não aprenderam a emprestar dinheiro para o pequeno, ainda têm medo. Haverá um dia, Dida, em que todos aprenderão que se tem um segmento da sociedade que toma dinheiro emprestado e paga, é exatamente o pequeno, porque ele só tem a cara como patrimônio e o seu nome como patrimônio.

Esses olhos, esses olhos – como diria a minha mãe – que a terra haverá de comer, esses olhos viram... aqui deve ter alguém que conheça o



microcrédito lá do Ceará, não sei o quê das Palmas... Banco Palmas. É muito emocionante você ver uma pessoa pegar, Paulo, R\$ 15,00 de crédito. Alguém da Avenida Copacabana ou da Avenida Atlântica, alguém lá do centro de Salvador, Edval, ou alguém que mora perto do lago da Pampulha, em Minas Gerais, ou alguém que mora na Avenida Paulista, certamente, não compreenderia nunca como alguém da periferia deste país vai em um banco e toma R\$ 15,00 emprestados, para levar para casa a comida para 15 dias, e depois paga. Eu vi lá no Canal do São Francisco, na transposição das águas, uma mulher tomar R\$ 50,00 emprestados de um afilhado. Com esses R\$ 50,00 emprestados ela começou a vender pastel, comprar massa e vender pastel. Para vender para quem? Para os soldados do Exército brasileiro que estavam trabalhando em um dos trechos do Canal do São Francisco. Passados uns dias, ela já começou a vender pastel e guaraná; passados uns dias, ela já estava fazendo refeição; passados seis meses, ela já tinha uma motocicleta, um carro e, orgulhosamente, falou para mim: “Presidente, neste ano eu paguei R\$ 5 mil de Imposto de Renda”. Mais do que o presidente da República, que tinha recebido um retorno aí de uns R\$ 3 [mil] ou R\$ 4 mil. Isso demonstra que este país precisava aprender apenas uma coisa com os Estados Unidos, que é o orgulho americano, que é tido como o país das oportunidades; e não ficar dizendo que tudo o que é bom lá, é bom aqui. O que é bom lá, é bom para lá; o que é bom aqui, é bom para aqui. Nós precisamos criar as nossas coisas, inventar as nossas coisas e criar as nossas oportunidades.

Eu acho, companheiros do Sebrae, que o que está acontecendo de milagre neste país é que as pessoas é que as pessoas estão tendo oportunidade. E quando as pessoas têm oportunidade, as pessoas a pegam com as duas mãos, com a cabeça, com os pés, e vão embora, e vencem, e conseguem fazer o milagre do que está acontecendo no Brasil hoje.

Dois mil e oito é um exemplo. No dia 22 de dezembro de 2008 eu acordei, fui olhar os jornais e fiquei assustado com a quantidade de



propagandas quanto à falência do mundo, em função da crise emanada do *subprime* americano. O mundo parecia que ia acabar, as manchetes nos jornais eram dizendo: “O povo não vai comprar, porque o povo está com medo de comprar, de perder o emprego e não poder pagar.” Cheguei ao gabinete e falei: Franklin Martins, prepara, que eu vou fazer um pronunciamento à nação brasileira e vou fazer a apologia ao consumo. Eu, que jamais imaginei fazer isso! E fui para a televisão para dizer: se você não comprar, se você está com medo de comprar, perder o emprego e não poder pagar, eu quero lhe dizer que você vai perder o emprego exatamente se você não comprar. Compre com responsabilidade, não faça dívida que você não pode pagar, mas compre, porque é o único jeito de a economia girar. Qual não foi a minha surpresa que no final de 2009 a gente constata, por todas as pesquisas, que quem salvou a economia brasileira foram exatamente as pessoas mais pobres, das classes D e E, que foram às compras, porque as classes A e B ficaram com medo de ir às compras. Possivelmente, porque já não tivessem mais as mesmas necessidades que a classe mais pobre tem.

Isso, Paulo, eu acho que é uma coisa que o Sebrae vem fazendo acontecer, com a aprovação da Lei Geral, com a aprovação da lei do empreendedor, ou seja, é dando àquele cidadão que vende um cachorro-quente, àquele cidadão que está com uma barraquinha vendendo uma pipoca ali ou amendoim, àquele cidadão que está com uma carrocinha vendendo laranja, que se ele se legalizar ele vai ter muito mais possibilidade de ter acesso a financiamento, para ele ter a chance de crescer um dia, como cresceu o dono das Casas Bahia, como cresceu o dono das Casas Bahia que, aliás, um dia disse uma coisa que a gente não pode repetir muito. Perguntaram: “Por que você é tão rico?” Ele falou: “Porque eu não estudei.” Aí o cara não entendeu e falou: “Mas o que é isso?” Ele falou: “É porque se eu tivesse estudado, eu era engenheiro e estava ganhando R\$ 6 mil por mês, R\$



7 mil por mês. Como eu fui ser vendedor, eu ganhei.” Mas isso vale para o Silvio Santos também, para o Baú da Felicidade.

O dado concreto é o seguinte: vocês, companheiros do Sebrae, se tem um segmento da sociedade - pode ter um ou outro pecador, que não faz a tarefa corretamente – mas se tem um segmento da sociedade que tem que ter orgulho daquilo que faz todo dia por este país, são vocês, porque o Sebrae tem sido durante 38 anos uma unanimidade nacional, e eu acho que isso não é pela beleza dos seus dirigentes. Isso é pela competência do seu corpo de funcionários.

Um abraço. Parabéns e boa sorte a todos vocês.

(§ 211 A)